

A REVISTA.

FOLHA POLITICA E LITTERARIA.

SUBSCREVE-SE A 28500 RS. POR TRIMESTRE (13 NUMEROS) E VENDE-SE CADA FOLHA AVULSA A 200 RS. NESTA TYPOGRAPHIA.

MARANHAO TYPOGRAPHIA IMPARCIAL MARANHENSE, IMPRESSO POR MANOEL PEREIRA RAMOS, NA RUA FORMOSA CAZA N.º 4. EM 1843.

RIO DE JANEIRO.

A agitação do Senado!!...

— Já noticiamos ao leitor o que se passou na sessão de 4 do corrente na câmara dos Srs. Senadores, onde o Sr. Hollanda pronunciou um dos mais violentos discursos do que ha exemplo em nosso parlamento! Grande fra a impressão produzida no paiz por esse discurso do nobre senador por Pernambuco, muito ganhariam os principios de agitação que de novo proclamou, da tribuna do senado, o Sr. Hollanda para salvar o estado, se lhe não sentissem em prompto o nobre ministro da justiça o Sr. Honorio Hermo Carneiro Leão, que rebatou uma por uma todas as proposições exageradas do *philanthropo* Sr. Hollanda. Algumas possões tem comurando, por nimiamente forte e vehemente, o discurso do Sr. Ministro da Justiça. A "Sentinella" applaude também, na pratica, os principios da verdadeira moderação; mas todavia, como repellir proposições que tanto offendem a segurança e ordem publica, sem salír um pouco d'essa linha de conducta prescripta aos ministros da corôa!!... Ainda assim achamos digno da attenção do leitor o admiravel improviso do nobre senador por Minas Geraes, o Sr. Honorio, e por isso o admittimos em nossas columnas: cit-o—

"Sr. Presidente! O que está em discussão não é o requerimento, são as arguições feitas pelo nobre senador a todos os governos de que elle não tem feito parte; e não sei mesmo se, pela generalidade com que fallou, comprehendendo aquelles de que tem feito parte. São em fim tantas cousas diversas, accumuladas sem grande ordem, que difficil seria enxergar n'elles um todo susceptivel do ser combatido, um proposito que se pudessem de algum modo destruir por alguma argumentação razoavel e ordenada. Entretanto, para não deixar sem resposta proposições de ordem d'aquellas que o nobre senador emittio, que me parecem dignas de ser contestadas no senado, onde tales principios talvez não appareçam muito propriamente, apanharei essas proposições aqui e acolá, no pelago do seu discurso, para, combatendo-as, restabelecer a verdade e fazer apreciar as doutrinas do nobre senador.

Todo esse amontoado de accusações feitas pelo nobre senador vai á discussão porque, no primeiro discurso que fez, tive occasião de notar que, partindo elle de principios diversos, que, considerando elle os movimentos do S. Paulo e de Minas como generosos, e seus autores como patriotas...

O Sr. H. Cavalcante:—Não disse tal

O Sr. Ministro da Justiça:—E isto o que se deluz de todo o seu discurso, ou então não têm significação alguma todas as suas palavras. (*Apoiados.*)

Prosigo: estando o nobre senador em principios contrarios aos em que nós estamos, não era de admirar que elle julgasse as cousas de diverso modo do que nós julgavamos: entretanto elle tem também hoje procurado, por uma confissão, declarar-nos que elle reconhece crime nas rebeliões de S. Paulo e Minas, mas crimes justificaveis. Ora, se é esta a descobera feita pelo nobre senador, não altera ella de modo algum a imputação que se lhe fez por ter dito que as ditas rebeliões eram actos de patriotismo. Crimes justificaveis não são crimes (*apoiados*), e é mesmo d'essa asserção que eu o arguo...

O Sr. H. Cavalcante:—Não, não!

O Sr. Ministro da Justiça:—Os actos praticados pelos rebeldes de S. Paulo e Minas são attentados contra a ordem publica, attentados que nenhum principio ou razão pôde justificar, e que nenhum outro no corpo legislativo, a não ser o nobre senador, ousaria justificar pelo modo que fez (*muitos apoiados*)....

O Sr. H. Cavalcante:—Muita consideração me dá, com effeito!

O Sr. Ministro da Justiça:—Porém, Srs., assim devia ser, porque, se o nobre senador deixasse do justificar estas ultimas rebeliões, talvez fosse preciso renegar o passado de seus alliados e o seu proprio....

O Sr. H. Cavalcante:—Nada tenho que renegar.

O Sr. Ministro da Justiça:—Ainda quando não fizesse o seu proprio, era-me licito dizer assim pois que o nobre senador me acbrou de fazer responsavel por um parecer da câmara dos deputados, só pelo motivo de serem esses deputados pessoas de quem devo esperar apoio.

Digo eu que era preciso que o nobre senador renegasse o seu passado e o dos alliados que tem, para deixar de declarar bons, honestos e patriotas os rebeldes de S. Paulo e Minas, o perverso e criminoso o governo que osou combatelos, que reprimiu o seu attentado. O que temos nós visto desde 1841, época em que começaram a ser frequentes as rebeliões e sedições no imperio! com que medidas, com que remedios tem o nobre senador e seus alliados, sempre que se acham fóra do poder, tratado de curar os males dos frequentes movimentos revolucionarios? qual a panacéa do nobre senador e seus alliados, qual a sua tactica constante? Lembremo-nos da rebelião do Pará, em que appareceram homens feras, matando, roubando e d'olhorando virgens!.... N'essa mesma occasião, quando se deploraram

todos estes attentados, o nobre senador não achou remedio para elles, não julgou que o governo do paiz precisasse de alguma medida ou força para reprimir tales feras: elle então não fazia senão accusar o governo o declarar que o governo era autor de todos esses males. Esta é a tactica do partido a que ora pertence o nobre senador; esta tem sido a sua constante linguagem, ha 10 ou 12 annos, no parlamento....

O Sr. H. Cavalcante:—16 annos.

O Sr. Ministro da Justiça:—Ha uma revolução na Bahia, queimam-se casas, assassinam-se, rouba-se! onde têm os nobres senadores uma expressão de lastima para as victimas de tal rebelião? onde se lhes ouve uma só palavra que julgue dignos de repressão e punição aquelles que attentaram contra a ordem publica, aquelles que roubaram, que assassinaram e incendiaram casas? Não, elles e seus alliados não enxergam em tudo isto senão desordens e attentados do governo do paiz; é o governo quem para elles teve culpa d'essa revolta; e a repressão d'ella excita, contra os bravos que a venceram, a animosidade d'esses Srs., que ousam appellidar no presidente da provincia—tigré—, e taxar de violentos todos os actos-legaes, praticados contra estes estimaveis rebeldes.

Mas, Sr. Presidente, para que multiplicar os exemplos? para que fallar de outras rebeliões e sedições? Basta dizer que não tem havido uma só sedição ou rebelião no paiz, da qual a causa, a culpa, no entender do nobre senador e de seus alliados, não esteja da parte do governo....

O Sr. H. Cavalcante:—Sim, sim, do governo.

O Sr. Ministro da Justiça:—Pelo que toca aos homens que fizeram as rebeliões e sedições, que commetteram todos esses attentados que têm ensanguentado e horrorizado o paiz, esses são pobres que, fugidos das violencias do governo, provocados por elle, em defesa da constituição violada, rompem e têm mesmo de tal modo praticado actos de patriotismo....

O Sr. H. Cavalcante:—Não, isso não.

O Sr. Ministro da Justiça:—Esses seus alliados apresentaram sempre todos os rebeldes como victimas do governo, que os provocava para os punir; tiveram a triste gloria de procurar desvanecer e attenuar no corpo legislativo todas as circumstancias que faziam horrorosos os crimes praticados pelos rebeldes; e em contrario sua animosidade era decidida contra os legalistas, contra os que, em defesa da ordem, combatiam para reprimir tales rebeliões. O governo do paiz foi não poucas vezes estigmatizado, acensado, exprobrado pelos actos de repressão os mais conformes com a lei! Tales foram con-

tantemente as suas doutrinas e de seus aliados....

O Sr. H. Cavalcante:—Quem são esses aliados? diizei-m'o.

O Sr. Ministro da Justiça:—Não sei....

O Sr. H. Cavalcante:—Não sabeis!!!....

O Sr. Ministro da Justiça:—São aquellos cem que o nobre senador tem estado ligado. O nobre senador pergunta quem são seus aliados? Pergunte a si, que melhor saberá responder....

O Sr. H. Cavalcante:—Eu tenho meus princípios, e ainda não os modifiquei.

O Sr. Ministro da Justiça:—Pode sêr....

O Sr. H. Cavalcante:—Não sei se o nobre senador já quiz sêr meu aliado.

O Sr. Ministro da Justiça:—Não daviu; mas então o nobre senador renegou os princípios que professava n'esse tempo....

O Sr. H. Cavalcante:—Não, conservo os mesmos.

O Sr. Ministro da Justiça:—Com os que tem actualmente não era possível aliar-me: é verdade que o nobre senador, no mesmo tempo que cortejava um principio, cortejava outro....

O Sr. H. Cavalcante:—Eu nunca cortejei ninguém.

O Sr. Ministro da Justiça:—Renniu ha urna eleitoral para regente votes de ambos esses principios; mallograda a sua pretensão, teve com tudo de patentear-se no corpo legislativo como deputado, e depois como senador, e então manifestou claramente não dever têr a confiança dos homens de ordem, d'aquelles a cujos principios me gloria de haver sempre pertencido.

Dois candidatos aspiraram, em 1835, á regencia; devia supôr-se que um tinha principios oppostos aos do outro; porque na verdade não sei porque razão se iria crear um novo candidato, a sêr dos mesmos principios; salvo se não se tivesse em vista senão favorecer a ambição pessoal d'esse individuo: creio que ninguém pretendeu em tal circumstancia favorecer ambições pessoas; julgaram-se os dois candidatos como tendo principios inteiramente oppostos e antipodas, mas com o andar do tempo viram, os que apoiaram a candidatura do nobre senador, que elle estava em communidade de principios e opiniões com o candidato opposto, e isto os devia persuadir que se tinham illudido, que tinham errado; mas em fim o erro é portilha da humanidade....

O Sr. H. Cavalcante:—Pode sêr que o nobre senador fosse um dos que erraram.

O Sr. Ministro da Justiça:—Talvez....

O Sr. H. Cavalcante:—Pois confesso o seu erro; mas nunca o illudi.

O Sr. Ministro da Justiça:—Não sei; ha duas especies de illusões, illusão positiva e illusão negativa; pôde ser que não houvesse a positiva, mas sim a negativa....

O Sr. H. Cavalcante:—Nunca occultei os meus principios.

O Sr. Ministro da Justiça:—Mas, Sr. Presidente, a tactica que desgraçadamente têm seguido algumas pessoas, que têm julgado dever fazer opposição ao governo em todas as occasiões em que tem havido rebellião, tem sido o mesmo. No corpo legislativo e na imprensa têm elles constantemente procurado, não reconduzir as cousas á sua ordem, não tratar de

pôr a sociedade no estado normal; mas de obscurecer e occultar o crime de todos os que se revoltam contra o governo, que atacam a sociedade, a ordem e a paz publica. Em taes occasiões accusam, ameaçam ao governo, em vez de defender aos rebeldes, aos criminosos.... porque eu não digo que mesmo o crime mais atroz não seja susceptivel de defesa. Eu deesejo sêr razoavel e justo, e julgo que não devo confundir o advogado que, tendo de advogar uma causa, não sabe justificar o crime que é injustificavel, que não sabe enfim recorrer a meios de defesa que, sem attentar contra a ordem publica, possam sêr favoraveis áquelles a quem elle defende. Não é esta especie de defesa que eu noto que se seguisse: em todas as occasiões procuram-se obscurecer a existencia do crime, pondo-o, não n'aquelles que tentavam contra a ordem publica, mas attribuindo os crimes e as violencias áquelles que, collocados no poder, achavam-se na obrigação mais immediata de reprimir essas sedições e rebelhões; digo na obrigação mais immediata, porque obrigação têm todos os cidadãos de contribuir para a manutenção e restabelecimento da ordem (*apoiados*).

Os crimes, os attentados á constituição, vinham do governo, e não d'aquelles que lançaram mão das armas e de todos esses meios horribos que foram usados em todas as rebelhões e sedições que tiveram logar no paiz durante o largo espaço da minoridade do Senhor D. Pedro II!....

Vejamos o que tem apparecido na epocha actual. Depois da rebellião do Minas e de S. Paulo, o nobre senador, não sei se porque esses principios são também seus, ou se por força de alliança, vê-se na necessidade de os adoptar quasi inteiramente; é esta sua norma de julgar, e d'alí vem que o nobre senador clama como se os crimes e as violencias que se devem punir os criminosos, que a sociedade não lucra com a impunidade, mas quaes são os criminosos, segundo a opinião do nobre senador? são os que em Minas e em S. Paulo pegaram em armas contra a ordem publica? Não (*com energia*); são os ministros de estado, que mandaram forças para conter esses desordeiros; são as autoridades, que prestaram obediencia ao governo; são o mesmo conselho de estado, que o nobre senador suspeita que tivesse sido ouvido por occasião de alguma medida tomada pelo governo. Eis aqui quem são os criminosos do nobre senador! Contra estes elle chama toda a severidade das leis, quer a punição mais rigorosa: poram contra aquelles que calaram nos pés todos os principios de ordem, não haja nenhuma punição! (*Muitos apoiados*).

Diz o nobre senador que, se elles commetteram crimes, são justificaveis; quer dizer—que têm apparencias de crime, mas não são crimes.—Esses individuos, animados, segundo o nobre senador, de sentimentos nobres e patrióticos, fizeram essas rebelhões; e porque as fizeram? Porque tiveram a habilidade de seduzir a meia duzia de camaras, porque tiveram a habilidade de illaquear a boa fé da assemblea provincial de S. Paulo, e conseguiram que essas camaras e a assemblea provincial representassem contra leis regularmente feitas e sancionadas pelo poder competente; pretendendo que essas leis não fossem executadas, preten-

dendo.... não sei o que pretendiam.... apoderar-se do poder (*apoiados*). E para que?... Não ha attentado algum que se possa imaginar, ainda por mais atroz que seja, que elles não fossem capazes de pôr em pratica, se desgraçadamente conseguissem o que queriam (*muitos apoiados*).

Mas, com effeito, o governo do estado procedeu muito irregularmente; o governo do estado tornou-se criminoso; porque, senhores? Porque, recebendo essas representações de meia duzia de camaras; porque, tendo noticia de que estava aqui uma deputação para entregar-lhe uma representação da assemblea provincial de S. Paulo, não disse:—Venham os virtuosos e patrióticos senhores que promovem estas representações ser ministros, e retiremo-nos nós do poder, e sejamos condemnados dende já como indignos de sêr ministros!—E na verdade o seriam se não tivessem repellido taes representações (*muitos apoiados*), promovidas por um partidinho muito pequeno, porem muito onusto, muito amotinador, de principios exagerados, e capaz de todos os attentados para poder triumphar: como esses ministros resistiram, fizeram o seu dever, eu os louvo, e o nobre senador os censura; não os censura simplesmente, julga-os dignos do mais severo castigo que se pôde encontrar em nossas leis: creio que o nobre senador ainda procura castigo nas nossas leis.

O Sr. H. Cavalcante:—Onde quizer, no seu dicionario.

O Sr. Ministro da Justiça:—Esses ministros tinham feito passar leis exceptionaes!—(*Elevando a voz divirgindo-se ao Sr. Hollanda*). É demasiada pre-empção, Sr. Senador! As minorias das camaras decidiram o contrario; e vós não podeis declamar contra leis do paiz, quando ellas se acham em vigor; vós podeis propôr a sua revogação, e, sustentando vossa proposta, argumentar contra ellas; mas, quando não fazeis isto, vós, que vos inculcáis amigo da ordem, declamando contra essas leis, procedeis como procederia um turbulento, um desordeiro, um anarchista!... Essas leis foram julgadas pela assemblea geral, que as approvou, achando-as conformes com a constituição; vossa opinião opposta não foi attendida; mas vós, que sois contraste da constituição, que sois infallivel, continuais a declamar contra ellas! São essas declamações, antes e depois das rebelhões, que tendem a desmoralisar as leis (*muitos apoiados*), que tendem a favorecer todos aquelles que se revoltaram contra ellas, aquelles cujos principios vós defendeis! Entretanto, vós presumis que são criminosos aquelles que sustentam a inviolabilidade d'essas leis! Enquanto são leis do estado, sustentaram e defenderam o governo que se manteve no seu posto e fez executar essas, defendendo as attribuições do poder legislativo que as decretou (*muitos apoiados*).

Senhores, disse eu que era um partidinho: em prova d'isto attenda-se ao numero de representações que da provincia de Minas Geraes vieram em sentido contrario aos principios emitidos por algumas camaras, onde desgraçadamente essas influencias perniciosas puderam penetrar (*muitos apoiados*), veja-se o numero dos que, illudidos pelos agentes da revolta, prestaram suas assignaturas ás representações promovidas por taes agentes; mas, desde que souberam os seus

fin, deslizeram-se, reclamaram suas assignaturas, arrancadas com sedacções e enganos.

Além do attentado do governo, de não ter attendido ás representações d'esse partidinho, pequeno em numero, mas virulento e agitador, devemos tambem contar, segundo a phraseologia do nobre senador, a orgia da emissão do papel moeda! Mas, senhor, demorastes-vos pouco tempo no poder, por isso não vos enbragastes bem n'essa orgia; vós haveis de emitir papel moeda, se não vos tivesseis retirado do poder, como por fortuna do paiz vos retirastes: assim mesmo fizestes emissões porque, quando em virtude de leis se devia amortisar certa somma de papel moeda, cuja amortisação não se fez por vossa ordem, essa somma continuava na circulação, e isto equivalia a uma emissão nova. (muitos *apoiados*). De certo que, se as vossas desordens, se a anarchia que tendes creando em toda a parte não impedisse a arrecadação das rendas; se reboliões e sedicções não apparecessem; se em fim, esse espirito de anarchia geral não introduzisse a corrupção em todos os funcionarios publicos; se, atacando as leis, não introduzissem a desmoralisação em tudo, certo, nenhum dos governos do paiz se veria na necessidade de lançar mão d'esse meio desgraçado, porém indispensavel em certas circumstancias, para se poder manter a ordem, para podermos ainda dizer que temos uma monarchia na America (muitos *apoiados*).

E a este respeito digo-vos, como dissetes, que reparo e attento que a monarchia está na America; e porque reflicto n'isso, mais condeno todas as vossas declamações (muitos *apoiados*), que tendem sem duvida a enfraquecer essa monarchia; (com muita energia) porém que de certo não conseguireis!... (*Apoiados geraes*).

Sim, vós vistes que estes mesmos a que chamastes benemeritos da patria, por pegar em armas contra a ordem publica, se viram na necessidade de proclamar adicção a essa monarchia; e porque? Porque todos os homens têm necessidade de procurar elementos de força com que se possam sustentar, e o elemento de força é a monarchia (numerosos *apoiados*); vossos alliados, por tanto, ou vossos protegidos, agarraram-se a ella; mas ella não os pôde favorecer, porque as dimanações que d'elles viriam, tenderiam sem duvida a dessecar a seve, e a fazer murchar essa arvore, que eu espero que será frondosa na America! (*Apoiados geraes*).

E assim, senhor, é por este motivo que se não multiplicaram os gritos contra o monarcha; é por essa necessidade em que se acharam collocados os vossos alliados; mas, se os gritos contra o monarcha não appareceram, vós não sois exacto quando dizeis que não houveram gritos contra o systema jurado. Sim, appareceram; vossos alliados renegaram o systema jurado, atacando as leis, e negando ao poder moderador o direito de dissolver a camara dos deputados, previa ou não previamente (*apoiados*). Eu sustento que não foi previamente, porque a camara se declarou constituida; mas, previa ou não previamente, o poder moderador tem autoridade de dissolver a camara dos deputados.

Digo eu, pois, que os vossos alliados queriam obrigar o monarcha, com esses movimentos de força, lançando mão das armas, com essas gritarias, declamações e desordens; com esses ataques aos cidadãos pacíficos, com essas destruições e incendios de pontes; queriam obrigar o monarcha a chamar um ministerio em que elle não podia ter confiança; queriam obrigar o monarcha a suspender as leis feitas pela assembleia geral; assim vossos alliados tinham renegado o systema jurado (*apoiados*). Se não ousaram levantar gritos contra o monarcha, isto não justifica os seus principios, porque foi filho da necessidade em que se achavam.

Mas, senhor, (*dirigindo-se ao Sr. Holland*) sempre direi uma palavra sobre a tal camara dissolvida, sobre o vosso procedimento. Eu não queria desviar a discussão para o ponto em questão, chamando-vos á barra para defender-vos; esta é uma tactica que eu condeno, é talvez a que vós executais quando tratamos do processo de S. Paulo; não defendeis os accusados como defenderia um advogado, segundo os meios que a lei dá: esta vossa tactica, que eu condeno talvez por não segui-la, é que não vos tenho até hoje censurado a respeito d'essa camara que vós preconisais, como tendo as altas capacidades do paiz, como composta de moços de grandes esperanças e de velhos patriotas...

O Sr. H. Cavalcante:—Encanecidos no serviço do paiz.

O Sr. Ministro da Justiça:—Encanecidos no serviço do paiz,—eu não duvido, senhor. A meu vêr tinha essa camara, felizmente para o paiz, mais dignos servidores do estado; tinha sem duvida homens que tinham encanecido no serviço do paiz; mas tinha alguns que encaneceram nos deserviços do paiz e nas desordens que promoveram; e tinha alguns espiritos agitadores, que, conduzidos pelos vossos alliados, deveriam fazer grandes males, se a discreção e alta subdordia do poder moderador não tivessees livrado o paiz das calamidades que lhe preparavam.

Mas a essa camara é que o nobre senador chamou regular e feita como as outras; estará o nobre senador esquecido de tudo quanto se disse e provou-se a respeito d'essas eleições?!... (*Apoiados*). Se o nobre senador dissesse que as eleições pelas quaes a camara actual se acha reunida, foram as que se tem feito mais regularmente no paiz, depois do anno de 1824, dizia uma verdade (*Apoiados*); dizin o que o futuro terá como evidente; mas, se o nobre senador declara que as eleições de 1840 tiveram a mesma regularidade, isso não é exacto. Eu não duvido que em um ou outro ponto houvesse regularidade; por isso que onde os principios anarchicos prevaleciam, não havia necessidade de empregar violencias para vencer a todo o custo; mas onde esses principios não prevaleciam, foi necessario conquistar as urnas por todos os meios, apresentando os seus alliados em attitud de combate, praticando violencias atrozes e commettendo immensas irregularidades para alcançar o triumpho eleitoral. O nobre senador inculpa-me porque a camara dos deputados dá um parecer; e não poderei eu inculpar o nobre senador quando sei que os aspirantes de 12 e 16 annos, que estavam a

bordo da nau, mandaram suas listas á freguezia de Sancta Rita, quando sei que toda a maruja votou, ainda mesmo aquella que não estava cá no tempo da Septuagesima?...

O Sr. H. Cavalcante:—Se houve isso, foi mandado por quem?...

O Sr. Ministro da Justiça:—O nobre senador provavelmente não deu uma ordem por escripto; mas presencio todos esses factos sem nada fazer....

O Sr. H. Cavalcante:—E' falso!...

O Sr. Ministro da Justiça:—Não é falso, é verdadeiro....

O Sr. H. Cavalcante:—E' falso!...

O Sr. Ministro da Justiça:—Eu sei que vós adheristes; foi uma autoridade á nau, e recebeu as listas dos estudantes da academia de marinha para as levar á freguezia....

O Sr. H. Cavalcante:—Nenhuma autoridade o determinou.

O Sr. Ministro da Justiça (com força):—E' verdade o que digo!... A mesa de Sancta Rita não receberia taes listas, se fosse constituida regularmente; mas o vosso collega ministro do Imperio teve a cautela de talhar a mesa do modo que a recepção d'essas listas da maruja, &c., fosse segura....

O Sr. H. Cavalcante:—Talvez vos reguleis pelo vosso comportamento.

O Sr. Ministro da Justiça (com energia):—Não! não me regulo: vós sabeis que em 1833 eu não tolerei esses abusos: eu soffri todas as injurias e ataques, não do partido da opposição, mas d'aquelle que apoiava o governo, e que queria que eu o ajudasse nos meios violentos. Eu estimava muito sêr apoiado e derrotar o partido da opposição, que, no meu entender, fazia uma guerra injusta á administração da regencia; mas eu não julgava permitido lançar mão d'esses meios, d'essas fraudes, d'essas violencias de que vós lançastes mão para triumphar....

O Sr. H. Cavalcante:—E' falso!...

O Sr. Ministro da Justiça (elevando a voz):—Não é falso, o publico julgará....

O Sr. H. Cavalcante:—Sim, elle julgará. Da minha parte posso dizer que é falso!

O Sr. Ministro da Justiça:—E' verdade!...

O Sr. H. Cavalcante:—Provai o que estais dizendo.

O Sr. Ministro da Justiça:—Talvez o nobre senador se fizesse ignorante das violencias que se praticavam: é o que eu não fiz; porque a mim se pediu que eu não obrasse, contentavam-se que eu consentisse e calasse; mas eu mandei prender os permanentes que tinham obraado contra a minha ordem por insinuações estranhas ao governo; porém o nobre senador metteu-se em casa, faz-se ignorante do que occorreu, não sabe de nada. A differença que ha entre nós é esta!...

O Sr. Visconde de Abrantes:—Pequena differença!

O Sr. Ministro da Justiça:—Sr. Presidente, todas estas cousas levam-nos muito longe, distrahem-nos de tudo quanto interessa ao publico: de tantos males que se tem accumulado sobre o estado, exige a nossa prudencia e circumspecção que se faça um exame dos meios ou dos remedios para curar tantos males. Eu portanto abandono este terreno: se querem ouvir os accusados, façamos isso, por se-

sim procedermos com toda a prudencia. Nós não decidimos ainda o processo: roparamos, senhor; (*dirigido-se ao Sr. Hollanda*) queremos ouvir os accusados, mandando imprimir suas respostas e o processo, para depois decidir se elle deve ou não continuar; e tudo isto nada importa contra os accusados, é pelo contrario em seu favor.—Mal dos accusados se não acham nenhum meio de defesa para, em suas respostas, nos convencerem de sua innocencia! porque o nobre senador sabe muito bem que todas as vezes que a sociedade está neste estado de agitação, esta agitação propaga-se por toda a parte, e tem mais ou menos influencia em todos os actos publicos.

Ouvir por tanto os senadores não é decidir contra elles; mandar imprimir suas respostas e o processo não pôde senão justificar o desejo de conhecer a verdade; e em que diverge o nobre senador? porque quer que a impressão se faça já, e para que?!...—Dizeis que devem ser ouvidos os accusados, e que o processo seja impresso;—é o mesmo que nós dizemos o queremos, com a unica differença que nós queremos ouvir primeiramente os accusados: e porque se não hão de imprimir tambem suas respostas?!...

Em fim, não pôde haver outra razão, á vista das decisões que existem, senão o desejo do nobre senador estar em opposição, á vista da necessidade que tem de estar em uma estrada diversa d'aquella em que caminhamos. Os seus adversarios por ventura querem a condemnação dos accusados?... Depois de ouvir os accusados, impressas as respostas e os processos com todos esses elementos, é que nós desejamos que o senado decida se o processo deve ou não continuar. Vede, pois, senhor, (*dirigido-se ainda ao Sr. Hollanda*) que, estando vós quasi conformes connosco, se a necessidade de manterdes os vossos principios, avessos inteiramente aos que professamos; é que fez gerar o vosso requerimento, contra o qual eu me pronuncio.

N. B. Este discurso do nobre ministro (diz o tachigrapho do "Jornal do Commercio") foi ouvido com o maior interesse. S. Ex., pouco depois que acaba de fallar, retira-se do salão, e é seguido por grande numero de Srs. Senadores que se dirigem a elle. Ficam no salão sete ou oito membros da casa.

(Da Sentinella da Monarchia.)

MARANHAO.

CORRESPONDENCIA.

Sar. Redactor da Revista.

—Quando vi o Sar. Antão Pinto de Faria lançar mão da pena para discurrir pontos scientificos, que lhe são intrinsecamente estranhos, perguntava logo, que elle ha extrahido a parte mais positiva da sciencia. Foi justamente o que elle fez no n.º 128 do seu Periodico, onde deu-me a conhecer que he mais vanto do que eu cuidava, o circulo da ignorancia em que elle gira. He coiza lastimosa na verdade ouvir hum Pharmaceutico dizer, que as aguas minerais gazozas artificiaes devem ser feitas com agua destillada! Certo que não esperava semelhante esforço do Sar. Antão, por compaixão de quem, quero persuadi-me que foi mal aconselhado, ou então que o Cometa lhe deu volta ao tróico, porque na Europa não ha um só azeite, ou lardado de camachão de hum laboratório Chimico, que ignore ser a agua destillada impropria para a preparação das preditas aguas gazozas,

por quanto a destillação faz com que a agua deixe de ser potavel. A vista desta e outras que tava grutillas do meu laboratório pareciam, que pôde avventurar que elle nunca foi, e nem jamais será Pharmaceutico, por isso que tanta sciencia he por extremo escassa.

P-lo que diz na terra o Sar. Antão, collige que se deu ao trabalho de abrir o extorilCodigo Pharmaceutico Luzzitano, ou que agarratou a mequinha estampa, a elle annexa a qual dizta muito que decajar sobre os seus aparelhos, que cita cheio de infamia, como proprios para a fabricação das aguas gazozas artificiaes. Se o Sar. Antão não honraria tido a audacia de dizer, que empregava a agua destillada para fazer as suas aguas minerais artificiaes, certo que me não furtaria ao trabalho de lhe demonstrar porque razão forão abandonados os aparelhos do que elle se serve, mas depois da parvoice que soltou, tornava por desobediencia.

Em fim se o Sar. Antão presistir na sua opinião de que para preparar as aguas gazozas, he necessario a agua destillada, peço-lhe que tenha a bondade de provar no mundo inteiro, em que lugar do centro da terra ha achado a alandilha, que segundo o seu modo de pensar, deve de distillar todas as aguas minerais gazozas naturaes, que se encontram em alguns pontos do globo; e bem assim as mais espécies d'agua mineral tem o seu alandilha particular, ou se é o mesmo no grande livro dos destinos, que todas as aguas hajão de passar por hum só dec. dec.

No caso de se dignar responder as sollicitudes perpetuallas, Sar. Antão, togo-lhe que seja menos boão do que foi na sua ultima carta—quando dizer—que não sabe do humo questão para outra, a fim de que não venha a fallar de manjeira, sanctissimas &c. &c. ao passo que tractamos da chimica. Mas como não ha de ser assim se o Sar. Antão he mais predilecto pela glotoneria, do que pela sciencia, se he mais leito, e exposto em devoras humas lutas de sciencias do que comprehender a propozição mais trivial? Dista elle não durá nome prova, se acontercer que ainda fique gener de proffes!

Tende paciencia, Leitores, que en vos prometto que esta he a ultima vez que vos roubo o precioso tempo.

Foi meu unico fim notar-vos do passagem, a recordação de que deu o Sar. Antão, querendo voltar a nro (*para manjar a montanha no vento e a trindade campo da chimica*). Onde se dependeu um insondavel Oceano da ignorancia, no qual o deixou entregue ás suas forças musculares, &c.

Tenho a honra de ser, Sar. Redactor
De Vm.

Maranhão 23 d'Abril de 1843.

L. Battenist.

A REVISTA.

Breve resposta ao "Correio."

—Bem comprehendido da necessidade do—Parce Sepulchral—, não desejáramos por modo nenhum tocar em homem morto, mas o "Correio" a isso nos impelle, dizendo com a sua costumada impudencia que caluniamos o senr. doutor Francisco Correia Leal nos ultimos dias de sua existencia, não respeitando sua molestia. Vendo-nos pois obrigado a fazer-o em deff-za propria, procuraremos não transceder os limites do respeito que se deve ás cinzas dos mortos, limitando-nos tão somente neste artigo a demonstrar a injustiça da arguição do contemporaneo.

Nunca caluniamos o Senr. Leal. Analisando em termos commedidos e decentes o seu julgamento entre partes a meza da Santa Casa da Misericordia e o Sar. Paço, e comparando duas decisões que dera em caso identico inteiramente oppostas, mostramos com evidencia que aquelle magistrado despresára a lei vigente para fundar-se n'uma ordem illegal, e cabira em flagranti contradicção. Ninguém dirá que ha nisto calumnia, mas censura rasavel e justa aos actos de sua vida publica. E desafiando o contemporaneo a provar a sua propozição, appellamos para o juizo do publico entendendor que certamente nos fará justição.

Tacemos não fomos nós que deixamos

de respeitar a molestia daquelle Sar., mas os seus proprios amigos politicos que o impellirão a dar-se por prompto para decidir a questão das eleições da Misericordia, achando-se gravemente enfermo, como é notorio. Porão esses que o levantáram do leito de dores em que jazia, para levá-lo a Santa Casa, quando ja lhe devia ser funesto qualquer abalo, como provou o facto de seu consecutivo decesso; fôrão esses que á força sem duvida de sollicitações importunas lhe arrancáram ja moribundo uma decisão contraria a que dern o juiz seu substituto validando aquellas eleições; fôrão esses egoistas e falsos amigos que não só não respeitáram, mas lhe aggraváram a molestia, e apressáram a morte; que não nós que analysamos actos pelos quaes elle era responsavel perante os homens, e isto quando, dando se por prompto, exercia as suas funções de juiz, como se estivesse hum, illudindo se a si e a nós sobre o seu verdadeiro estado.

Aquelles pois que se diziam seus amigos, e sa-bendo da critica situação em que elle se achava, o decessaram a dar este passo superior ás suas forças, é que são doadamente reprobaveis nos olhos da sociedade, e por haverem abusado das condescendencias da amizade, e por haverem aggravado a enfermidade e atormentado os ultimos momentos do enfermo e da moribunda. E homens tães que tudo sacrificam á sua ambição até a saúde e existencia dos proprios amigos, é que osão calumniar-nos, e chamar vil ao redactor da Revista que nunca commetteu baixezas, o menos como essa que elles praticão todos os dias para servir as suas fúlbres favoritas—o poder e a fortuna!— Caluniao, hypocritas, que já não por demais conhecidos para que alguém acredite em vossas palavras! Envergonhai-vos, zyncophantas, e mettei a mão na consciencia que ella vos dirá sem duvida que sois responsaveis á descolada vivaz por mais alguns dias de vida do espirito que lhe acaba de ser roubo, e que poderia talvez existir ainda, se não fora a vossa funesta amizade.

Damos porém de mão a esta desagradavel discussão a que nos chamam o "Correio", e terminamos este pequeno artigo desejando que a terra acja leve ao Sar. Leal.

AVISOS.

—Cidadãos Guardas Nacionais. Constando-me que o commandante superior da G. N. contra quem tenho representado ao Governo Imperial, pretende exigir que vós assigneis uma declaração em que se refira quanto avançar na minha queiza, toda documentada, e que de mais a mais se pretendo linear-me com o criminoso papel, o epíteto de calumniador; acho ser do meu dever prevenir-vos contra esse laço que se vos quer armar, e peço-vos que a ser isso certo, reflecteis bem, e maduramente, antes de prestardes a vossa assignatura. Maranhão 24 d'Abril de 1843.

Joze Antonio da Silva Guimarães,
Major da 2.ª Legião.

—A Meza da Santa Casa da Misericordia Participa a todos os Irmãos da mesma Santa Casa que o Doutor Juiz das Capellas julgou nullas as eleições feitas no dia 1.º de Março do corrente anno, pelo que convida a todos os Irmãos para que compareçam na Salla das Sessões no dia 30 de Abril pelas 10 horas da manha para se proceder a nova eleição dos Mezaros e Diffinidores que hão de servir no anno de 1843 á 1844, e espera que todos os Irmãos compareção para o dito fim.

Joze Coelho de Souza.
Secretario da Meza.

—Quem quizer comprar Paus de prumo, barrotes, vigas grandes, vigotas, grades, pernas mansas, e caibros; tudo das melhores qualidades e dimensões falle com o Sr. Miguel Antonio da Costa e Castro, morador na fonte das pedras, ou com Antonio Fernandes Ennes na rua do Giz, vendem por preços commodos apparecendo dinheiro.

Maranhão: Typographia Imperial Maranhense, Impresso por M. P. Ramos, na Rua Formosa Casa no. 4. em 1843.